

ITA – VESTIBULAR 2013 – REDAÇÃO – COMENTÁRIO

Modelo de Redação adotado pelo ITA

Sedimentado, sobretudo, desde o exame de 2011, o modelo da prova de Redação do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) constitui-se hoje um dos mais consistentes e instigantes do país.

Em suas linhas gerais, esse modelo apresenta um texto não-verbal (foto em 2011, charge em 2012, tira de quadrinhos agora em 2013) e solicita que o candidato elabore texto dissertativo a partir desse texto não-verbal, considerando também os demais textos da prova. Observe-se, portanto:

(a) que o tema não vem delimitado por uma frase específica, mas deve ser depreendido pelo candidato com base na leitura dos textos da prova;

(b) que o bom entrelaçamento desses vários textos e seu aproveitamento na redação constitui, talvez, o desafio principal do examinador, tanto quanto dos candidatos.

Análise dos textos

Façamos, inicialmente, o exame dos vários textos presentes nesta prova de Português do vestibular 2013 do ITA.

Texto 1

Artigo da jornalista Marion Strecker, publicado na *Folha de S. Paulo* em outubro de 2011, o primeiro texto da prova traz, desde o título – *Escravos da tecnologia* – visão certamente crítica a aspectos do modo como empresas usam a internet. Para a autora, um dos tipos de escravidão tecnológica é o que nos faz “trabalhar de graça para os sistemas cada vez que tentamos nos mover na internet”.

A partir de um exemplo pessoal – reservar mesa em um restaurante para sua confraternização de aniversário –, Strecker critica a intermediação eletrônica da relação entre cliente e fornecedor. As custas de nosso “precioso tempo”, o preenchimento de fichários eletrônicos, como as fichas de pós-venda, criam estatísticas importantes e baratas para muitas empresas, inclusive as que se especializam na avaliação “para tudo quanto é tipo de serviço”.

O texto é estilisticamente muito expressivo. Inicia-se com uma negativa retórica, de que não vai tratar de um tema – a terceirização e precarização do trabalho nos fabricantes de produtos eletrônicos – que o cupa nos três primeiros parágrafos. Cria-se, assim, certa complementaridade entre a crítica à produção de tecnologia e crítica à relação cliente-fornecedor por meio da internet, que leva a autora, ao final, a lamentar o excesso de “redutores” de custos (como as terceirizações) e os “atravessadores” *on-line*.

Texto 2

O segundo texto é um fragmento de entrevista publicada em 12 de julho último, igualmente pela *Folha de S. Paulo*, com o canadense Don Tapscott, escritor e especialista em cultura digital.

Tapscott aborda o tema da perda, digamos, “inconsciente” de privacidade na internet. Empresas de tecnologia da informação e comunicação, como o Facebook, ou que se valem dessas tecnologias, como as firmas de cartão de crédito, têm meios para

registrar e arquivar uma série de dados sobre cada pessoa, como seus hábitos de consumo ou pesquisa. Para o escritor, a privacidade é um dos fundamentos de nossa sociedade. A transparência é um dever dos governos e das empresas, mas não necessariamente dos indivíduos comuns. Mesmo a troca de emails pessoais pode acabar expondo futuramente os interlocutores.

Citando a conhecida obra *1984*, de George Orwell, cujo enredo se ambienta num mundo distópico de controle quase absoluto, Tapscott fala de um *Big Brother 2.0*, representado pela “coleta sistemática de informações feita pelos governos”, bem como de um “*little brother*”, correspondente à coleta igualmente sistemática de informações feita agora por grandes corporações privadas.

A invasão de privacidade e os riscos sociais representados por tais práticas devem ser regulados por leis que garantam os direitos individuais.

A entrevista, como vemos, trata dos limites sociais ao poder que governos e corporações exercem por meio das modernas tecnologias de informação e comunicação. Seu autor se situa, assim, no campo da defesa tanto dos chamados direitos humanos de primeira geração – os direitos individuais negativos, entre os quais se inclui o caráter inviolável da privacidade do cidadão comum – quanto dos direitos de quarta geração, que combatem o risco de uma “sociedade de controle” tornada factível pelo grande desenvolvimento tecnológico e científico contemporâneo.

Texto 3

Trecho de matéria publicada na edição de julho de 2012 da revista *Superinteressante*, este terceiro texto aproxima as dificuldades de concentração experimentadas pelo inventor e empresário estadunidense Thomas Edison (1847 – 1931) com o corrido mundo contemporâneo. Como muitos de nós Edison, por exemplo, “adorava trocar mensagens e se acostumou a escrever recados curtos e constantes”. Ele o fazia por meio de um telégrafo; nós, por meio da internet. O resultado final, contudo, é semelhante.

A aproximação entre uma tecnologia antiga e as TICs contemporâneas será justamente um dos traços explorados na tira de quadrinhos com a personagem Mafalda, no enunciado da prova de Redação.

Texto 4

O último texto numerado da prova, extraído do site *Você com mais tempo*, associado à revista *Você S/A*, da editora Abril, quantifica a perda de tempo e os prejuízos financeiros advindos do grande número de *spams* (“mensagens não solicitadas enviadas em massa, geralmente utilizadas para fins comerciais”) recebidos diariamente por 90% dos usuários de internet.

Como vemos, os quatro primeiros textos têm em comum a ênfase em aspectos negativos das modernas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet.

Tira de quadrinhos

O enunciado propriamente dito da proposta de Redação traz tira de quadrinhos com a conhecidíssima personagem Mafalda (talvez a mais frequente nos exames vestibulares), criação do cartunista argentino Quino (nascido em 1932) publicada entre 1964 e 1973 – época em que, obviamente, não se comercializavam computadores pessoais.

O veículo de informação e comunicação típico do período é, como sabemos, a televisão, tema de várias historinhas de Mafalda. Na tira em questão, a menina,

indignada, desliga o aparelho televisor, protestando contra a publicidade e seus imperativos: “use”, “compre”, “beba”, “coma”, “prove”... Afinal, ela se pergunta, o que “eles” (os anunciantes, as emissoras de televisão, os poderosos...) pensam que sejamos “nós” (consumidores, cidadãos, pessoas comuns...)? Os dois últimos quadrinhos, Mafalda reflete que a questão é que também nós não sabemos o que somos, o que certamente é do conhecimento deles, “os malditos”.

As ponderações, meio políticas meio existenciais, presentes na tira, a respeito daquele que foi, a seu tempo, o mais poderoso meio de comunicação e informação, coaduna-se com os textos anteriores por seu caráter crítico, de denúncia do poder que esses meios exercem sobre o cidadão comum. Tal como nas advertências de Don Tapscott e no tom indignado do artigo de Marion Strecker, também a tira de Quino critica a passividade desse “cidadão comum” e, embora por intermédio do humor, convida-o a resistir ao controle social exercido pelas mídias contemporâneas.

Depreensão do tema

Pelo que analisamos dos quatro textos iniciais e da tira de quadrinhos, percebemos que, embora admita variações, o tema da Redação deve insere-se no âmbito das discussões sobre aspectos negativos ou desafios sociais levantados pelas modernas tecnologias de informação e comunicação.

Da leitura comparada dos textos, surgem, como subtemas possíveis, entre outros:

- perda de privacidade;
- crescente impessoalização das relações sociais;
- a “sociedade de controle” possibilitada pelas modernas TICs;
- manipulação dos consumidores por meio da publicidade veiculadas pelas mídias;
- necessidade que a sociedade civil tem de conter excessos praticados por governos e grandes corporações por meio da internet;
- perturbações cotidianas produzidas pela tecnologia, como o excesso de *spams*;
- perda de concentração e de capacidade de leitura advindas do hábito de comunicar-se pela internet.

Não obstante os textos presentes na prova tragam franca visão crítica e destaquem basicamente os aspectos negativos e os desafios advindos das modernas TICs, o candidato, naturalmente, poderia apresentar ponto de vista distinto, que questionasse o caráter pessimista dessas abordagens.

Elaboração da Redação

Definido o tema, cada candidato deve ter clareza sobre o posicionamento, a tese central a ser desenvolvida em sua redação.

Não se trata, naturalmente, de ser, digamos, radicalmente contrário à própria existências das tecnologias de informação e comunicação, seja pelos aspectos positivos que elas também apresentam, seja porque se trata de uma características efetivamente fundamental no mundo contemporâneo.

Desse modo, a questão fundamental não é tanto “a favor ou contra”, mas “como”, isto é, como impedir que os aspectos negativos das TICs, tal como mencionados nos vários textos, possam prevalecer e, assim, favorecer o advento de mecanismos de controle e dominação das pessoas comuns, em face da eventual vocação antidemocrática de certos governos ou corporações.

Nesse tipo de proposta, é possível, por exemplo, discutir não só os problemas, mas também os encaminhamentos possíveis.

Um deles, mencionado por Don Tapscott, é a criação de leis específicas sobre o tema, que regulem e moderem o apetite de governos e corporações. Observe-se que, neste momento mesmo, a sociedade brasileira, o governo federal e o Congresso Nacional têm justamente debatido novos marcos legais para a internet. O desafio é garantir os direitos individuais sem incidir na censura ou no controle das informações que circulam na internet, o que, ao final e ao cabo, se revelaria também um mecanismo antidemocrático.

Tal legislação, como é natural, precisa de meios para fazer-se efetiva, o que inclui, por exemplo, a criação ou a reformulação de órgãos públicos, como os institutos de defesa do consumidor, as delegacias especializadas em crimes pela internet, a existência de uma justiça atenta para a violação de direitos individuais por parte de governos e corporações.

Igualmente, tanto os renovados currículos escolares, como uma série de possíveis ações comunicativas devem levar ao conhecimento do público mais amplo as preocupações e os direitos aqui referidos.

Trata-se, de modo modo, de medidas concernentes não apenas ao Estado, mas à própria sociedade civil – afinal, a maioria vítimas desses riscos de controle e manipulação – por intermédio de organizações variadas, como associações de internautas ou ONGs defensoras de direitos individuais.

Conclusão

Como sabemos, o ITA é um das mais importantes – senão o mais importante – centro de excelência tecnológica do Brasil. Todo ano, forma parte considerável dos melhores engenheiros do país. Propor aos que desejam ingressar nesse instituto refletir, com base em um conjunto variado de textos sempre críticos, sobre o impacto e os potenciais riscos das tecnologias de informação e comunicação parece-nos decisão das mais acertadas, seja do ponto de vista linguístico e textual, seja do ponto de vista social, pela importância que esse debate tem adquirido para a cidadania e a democracia contemporâneas.

Trata-se, a nosso ver, de postura coerente com a vocação democrática demonstrada pelos elaboradores da prova, que – caso talvez único entre as principais instituições de ensino superior do país – fazem questão de explicitar, no enunciado mesmo da proposta de Redação, que a “Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato”.